

BULLYING E SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: PERCEPÇÃO DOCENTE E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PREVENÇÃO

Aline Morais Ferreira¹

Anderson de Jesus Ericeira Fernandes²

Liciene Antonia Souza Soares³

Vitória Raquel Pereira de Souza⁴

Jackson Ronie Sá-Silva⁵

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno recorrente no ambiente escolar, caracterizado por agressões repetitivas, intencionais e sistemáticas, que afetam o bem-estar físico, emocional e social das vítimas. Esse tipo de violência pode gerar sérias consequências, como ansiedade, depressão, queda no rendimento escolar e, em casos mais graves, isolamento e evasão escolar. Este estudo tem como objetivo analisar a percepção dos professores sobre o *bullying* e suas implicações na saúde dos alunos, bem como as estratégias pedagógicas utilizadas para a prevenção e intervenção nos casos identificados. A pesquisa foi realizada em escolas da rede municipal de Arari-MA, utilizando uma abordagem qualitativa baseada, revisão bibliográfica e entrevistas com dois docentes da rede pública de ensino. Os resultados indicam que, embora os professores reconheçam o impacto negativo do *bullying*, ainda enfrentam dificuldades na sua identificação e enfrentamento devido a lacunas na formação acadêmica e à falta de suporte institucional adequado. Além disso, verificou-se que a formação continuada é um fator essencial para capacitar os educadores na implementação de estratégias eficazes de combate ao *bullying*, promovendo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Os professores destacaram a importância da parceria entre escola, família e comunidade na construção de um espaço educativo pautado no respeito e na empatia. Conclui-se que a conscientização e a formação (inicial e continuada) docente são fundamentais para minimizar os efeitos dessa violência escolar, garantindo o bem-estar dos alunos e contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem mais inclusivo que respeite a diversidade.

Palavras-chave: *Bullying*, Saúde mental, Formação docente, Ambiente escolar, Ensino de ciências.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - MA; alinemoraisferreira03@gmail.com;

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - MA; andersonericeira.ericeira8@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - MA; licienesousa8@gmail.com;

⁴ Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Pará - PA; Professora no nível Superior e da Educação Básica; vrp.souza@hotmail.com;

⁵ Doutor em Educação – UNISINOS; Professor Associado I – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor do Departamento de Biologia (DBIO/UEMA); prof.jacksonronie.uema@gmail.com;



1 INTRODUÇÃO

O *bullying* é um comportamento que oprime e visa humilhar ou agredir uma pessoa. Esse ato já foi registrado em ambientes escolares em diferentes países fazendo com que vítima e agressor desencadeem atitudes e pensamentos extremamente alterados, podendo inclusive repercutir em vingança, como os casos de *bullying* e *cyberbullying* que têm resultado em tragédias irreparáveis, evidenciando o impacto devastador dessas agressões na vida de jovens.

Em 7 de outubro de 2003, o americano Ryan Halligan, de apenas 13 anos, tirou a própria vida após ser alvo constante de humilhações na escola onde estudava. Entre os inúmeros episódios que o afetaram profundamente, destacam-se a zombaria pública feita pela garota mais popular da escola, a traição de um colega que espalhou falsos rumores sobre sua sexualidade, suas dificuldades motoras e acadêmicas que o tornavam alvo de perseguições, além da hostilidade de uma professora. Além disso, Ryan enfrentou o *cyberbullying* no início da era digital, tornando sua experiência ainda mais dolorosa.

De forma semelhante, Hannah Smith, uma britânica de 14 anos, foi encontrada sem vida em seu quarto após sofrer intenso assédio moral na rede social *Ask.fm*. Entre as mensagens ofensivas recebidas, algumas incentivavam diretamente seu suicídio, reforçando sua vulnerabilidade emocional. Após sua morte, a administração da plataforma alegou que os insultos haviam sido escritos pela própria adolescente, o que foi fortemente contestado por sua família.

Outro caso trágico foi o de Rehtaeh Parsons, uma jovem canadense de 17 anos que, em abril de 2013, não suportou as consequências do *cyberbullying* e pôs fim à sua vida. Dois anos antes, ela havia sido vítima de abuso sexual cometido por quatro jovens que registraram o crime e divulgaram as imagens online. A repercussão do caso na escola intensificou seu sofrimento, levando-a a ser alvo de insultos e ameaças constantes.

No Brasil o *bullying* é um problema recorrente, especialmente no ambiente escolar, onde muitos estudantes são vítimas de agressões físicas, verbais e psicológicas. No ano de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, foi o autor do massacre de Realengo, ocorrido na instituição de ensino localizada no Rio de Janeiro. Armado com dois revólveres, ele invadiu a escola e disparou contra os estudantes, resultando na morte de 12 adolescentes, com idades entre



13 e 15 anos, além de deixar mais de 22 feridos. A ação foi interrompida por policiais, mas o atirador cometeu suicídio antes de ser detido.

As razões que o levaram ao crime permanecem incertas, porém sua nota de suicídio, aliada ao relato de sua irmã adotiva e de um colega próximo, sugerem que ele era uma pessoa reservada e vítima de *bullying*. Esse comportamento conforme representando nestes exemplos repercute durante toda a vida, como no caso de Wellington, que mesmo após ter saído da escola ainda sofria com consequências emocionais e sociais, afetando a autoestima e o desenvolvimento do indivíduo.

No Maranhão, segundo noticiado em 29 de março de 2025 por Anne Cascaes no Imirante.com, um estudante negro de nove anos, beneficiário de bolsa em uma escola particular de São Luís, vinha sendo alvo de *bullying* por parte de seus colegas. Os alunos da turma o ridicularizavam com apelidos pejorativos como “mendigo”, “CLT”, “pedreiro” e “pobre”, evidenciando discriminação social e racial no ambiente escolar. O caso veio à tona quando o pai da criança, o jornalista e radialista maranhense Ismael Filho, descobriu a situação vivida pelo filho, trazendo à luz mais um episódio preocupante de violência psicológica contra estudantes em situação de vulnerabilidade (Cascaes, 2025).

Em muitos casos, o sofrimento causado pelo *bullying* leva a reações extremas, como isolamento, depressão e, em situações mais graves, pensamentos de vingança ou atos violentos. Diante desse cenário, é essencial que escolas, famílias e a sociedade como um todo atuem de forma preventiva, promovendo a conscientização, o respeito mútuo e o acolhimento para combater essa prática e garantir um ambiente mais seguro e saudável para todos.

A escola é um ambiente designado para os alunos interagirem na vida social. O *bullying* pode levar a sérios problemas de saúde, causando assim a ansiedade, depressão e até mesmo sua autoestima, deixando os estudantes vítimas deste processo, cada vez mais desmotivados a frequentar o ambiente escolar.

A escola, por sua vez, é um espaço fundamental na vida social, destinado ao ensino, aprendizado e ao desenvolvimento da cidadania dos alunos. Ela é também um ambiente onde se estabelece relações sociais complexas e peculiares, influenciadas por fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos (Cara, 2023, p. 18).

Para o Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, não basta



analisar apenas os ataques físicos e diretos às instituições de ensino; é necessário também considerar as formas mais sutis e contínuas de agressão que ocorrem dentro desses espaços. A violência escolar não se limita a eventos isolados e extremos, mas inclui também práticas diárias de humilhação, exclusão e intimidação que afetam a integridade psicológica e emocional dos estudantes.

O *bullying*, nesse sentido, representa uma ameaça constante ao bem-estar dos alunos, podendo desencadear graves consequências, como queda no rendimento acadêmico, isolamento social, transtornos mentais e, em casos mais críticos, respostas violentas por parte das vítimas. Assim, torna-se imprescindível que a sociedade, as instituições de ensino e os formuladores de políticas públicas adotem medidas preventivas e educativas para combater a cultura da violência na escola, promovendo um ambiente de respeito, empatia e inclusão.

É necessário que nas escolas haja psicólogos para cuidar da saúde mental dos estudantes para que eles possam manter o equilíbrio dinâmico do seu corpo, discutir o que é preciso para promover a saúde individual e coletiva, inclusive no âmbito das políticas públicas.

Diante do mencionado, este estudo tem o objetivo de investigar como a inserção de temas relacionados à saúde e ao enfrentamento do *bullying* no currículo escolar pode ser desenvolvido pelos professores de Ciências no Ensino Fundamental – Anos Finais. Ressaltamos que este estudo é uma pesquisa em desenvolvimento no Curso de Ciências Biológicas Licenciatura, vinculado ao Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX), da Universidade Estadual do Maranhão, e Programa Ensinar de Formação de Professores do Polo da cidade de Arari, estado do Maranhão.

Nesse sentido, partimos destas problematizações sobre a temática. A percepção dos professores sobre *bullying* pode ser influenciada por suas experiências pessoais, formação, cultura, e crença. Como essas variáveis impactam sua compreensão sobre *bullying* e saúde dos alunos, especialmente em seu planejamento didático? Há divergências diferenciadas entre diferentes grupos de professores? Até que ponto a percepção dos professores influencia suas ações concretas na sala de aula? Há uma distância entre o que eles dizem perceber e o que realmente fazem?

Para este artigo o objetivo geral é o de analisar como o tema *bullying* é trabalhado nas escolas da rede municipal de Arari e qual a sua forma de prevenção? Já o



objetivo específico é o de compreender como a concepção do professor sobre saúde mental influencia na aprendizagem dos estudantes.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a análise documental e entrevistas semiestruturadas como principais técnicas de investigação. Inicialmente, foram selecionados e examinados artigos acadêmicos relevantes sobre o tema, a fim de compreender as principais discussões e perspectivas teóricas na literatura. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois professores da rede municipal de ensino que atuam nos anos finais do ensino fundamental no município de Arari, Maranhão. As entrevistas buscaram captar a percepção e as experiências dos docentes em relação ao tema investigado, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos desafios e das práticas relacionadas ao contexto escolar. A análise dos dados coletados foi conduzida a partir da técnica de análise de conteúdo, permitindo a identificação de categorias e padrões recorrentes nas falas dos entrevistados e nos textos analisados.

O texto está organizado em três seções, esta primeira introdutória, a segunda analisa as implicações na saúde dos estudantes que é ocasionado pelo fenômeno social *bullying*. A terceira discute sobre os resultados e discussões que foram obtidas com o auxílio de entrevista com dois professores do ensino fundamental anos finais da rede municipal de ensino do município de Arari e quais foram as conclusões identificadas.

2. BULLYING E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES

De acordo com a legislação brasileira, Lei Federal nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, a intimidação sistemática, conhecida como *bullying*, caracteriza-se por atos de violência física ou psicológica que são intencionais, repetitivos e sem uma causa aparente. Essas agressões podem ser praticadas por um indivíduo ou um grupo contra uma ou mais pessoas, com a finalidade de causar sofrimento, medo ou constrangimento à vítima. Além disso, essa prática ocorre em um contexto de desigualdade de poder entre os envolvidos, no qual a vítima se encontra em uma posição de fragilidade diante de seu agressor (Brasil, 2015, p. 1).

Essa modalidade de violência chamada *bullying* ocorre em todo o mundo, e a discussão sobre essa temática começou a ganhar destaque em 1970, mas, somente no



século passado no ano de 1980 que o fenômeno ganhou visibilidade, quando três jovens da Noruega cometeram suicídio, e possivelmente a motivação foi maus-tratos no ambiente escolar.

O termo *bullying* vem do verbo inglês *bully* e tem duas definições, “como substantivo o termo *bully* significa agressor e como verbo significa intimidar, ficando seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo” (Souza; Almeida, 2011, p. 183).

Com base neste conceito os autores Oliveira *et al.* (2018, p. 754) destacam que “os xingamentos, a imposição de apelidos pejorativos e abusos verbais são as concepções mais fortes adotadas para explicar o fenômeno”.

Nessa perspectiva, esse fenômeno provoca inúmeras consequências na vida do ser humano que podem persistir durante toda a sua vida, como o desenvolvimento de transtornos físicos e psicológicos. De acordo com as autoras Da Silva e Aranha, (2023, p. 11), suas manifestações são “dores de cabeça, tonturas, náuseas, ansia e vômito, dor no estômago, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perdas ou aumento de apetite, dores generalizadas”. As pessoas que sofrem esse tipo de violência, também podem apresentar sintomas “de ordem psicossomática, como gastrite, úlcera colite, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade e comprometimento de órgãos do sistema”.

O sofrimento causado por esta violência, pode provocar angústia, tristeza, irritabilidade, oscilações de humor, fobias, insegurança, ansiedade, depressão e ideação suicida. É importante mencionar que em casos extremos, sem apoio e acompanhamento psicossocial, pode ocorrer comportamentos autodestrutivos, como o suicídio, visto que, o estado emocional e social de quem sofre o *bullying* fica comprometido.

Diante das diversas consequências provocadas aos estudantes pelo sofrimento do *bullying*, há perda da capacidade de concentração e assimilação de conteúdo, que compromete o processo de aprendizagem, provocando baixo rendimento escolar, perda de interesse pelo estudo e pela escola, e muitas vezes, ocasionando evasão escolar.

Ninguém poderá se sentir feliz e disposto tendo de lidar com agressividade e crueldade em sua esfera de estudo, e os resultados disso são o baixo rendimento escolar e a falta de capacidade para resolver as tarefas que são passadas para casa e até mesmo em sala de aula. (Da Silva; Aranha, 2023, p.



12).

O *bullying* gera um estado de tensão, que dificulta a vida estudantil, tornando difícil para os estudantes ter um espírito disposto a aprender e assimilar o que o professor ensina em sala de aula. Nesse sentido, todo o processo de ensino e aprendizagem é afetado, tendo em vista que este, requer dedicação de todos.

Nas últimas décadas, tem crescido o interesse em compreender a violência no contexto escolar, não só por suas implicações no processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas pela íntima relação que apresenta com o fracasso de objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender (Nesello *et al*, 2014, p. 120).

É nesse contexto de naturalização da violência, de sua prevalência e de suas consequências para a vida dos estudantes em decorrência do seu crescimento no ambiente escolar, que a temática *bullying* vem ganhando destaque nas pesquisas acadêmicas nos últimos anos, a fim de debater o tema e sugerir/promover ações e políticas públicas efetivas para atuar no enfrentamento desse fenômeno social e na melhoria da convivência escolar.

Portanto, se faz necessário conceituá-lo da maneira correta, e identificá-lo como uma forma de violência cruel, que provoca inúmeras consequências na vida dos estudantes.

Nesse cenário de enfrentamento a violência no ambiente escolar, incluindo aquelas que se configuram como *bullying*, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 14.643/2023 que autoriza o poder executivo a implantar serviço de monitoramento de ocorrências de violência escolar, para promover medidas de prevenção e conscientização, com a finalidade de garantir o bem-estar físico e psicológico dos estudantes.

O Poder Executivo está autorizado a implementar, em cooperação com Estados, Municípios e o Distrito Federal, o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (SNAVE) está ligado ao Ministério da Educação (MEC), foi instituído pelo Decreto nº 12.006/2024, que regulamenta a Lei nº 14.643/2023. O sistema é operacionalizado por meio do Programa Escola que Protege (ProEP). Essa iniciativa tem como objetivo principal monitorar e combater a violência no ambiente escolar por meio de ações estruturadas e coordenadas.



O SNAVE concentra seus esforços em cinco eixos fundamentais: 1º) realização de estudos e levantamentos para mapear casos de violência nas escolas; 2º) organização e disseminação de práticas eficazes de gestão para o enfrentamento desse problema; 3º) desenvolvimento de programas educacionais e sociais voltados à promoção de uma cultura de paz; 4º) assistência e orientação a instituições de ensino classificadas como vulneráveis à violência, conforme regulamentação específica; e 5º) oferta de suporte psicossocial a membros da comunidade escolar que tenham sido vítimas de violência dentro ou nas proximidades da instituição de ensino (Brasil, 2023, p. 1).

Diante disso, é importante destacar que para o enfrentamento da violência nas escolas, deve haver uma gestão democrática de colaboração entre as esferas federal, estadual e municipal, com articulação entre as instituições públicas, para a criação de um ambiente escolar mais seguro e saudável, destacando o papel social que a escola possui na formação de cidadãos.

Nessa perspectiva, a escola possui o papel de agente transformador para o enfrentamento de questões sociais como o *bullying*, desenvolvendo ações preventivas por meio do trabalho intersetorial, destacando a importância do envolvimento e participação da família, pois ela é o primeiro espaço onde as crianças aprendem sobre valores, como respeito às diferenças e empatia pelos outros.

A escola deve atuar de forma autônoma, assim como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 em seu artigo 12, inciso I, defende que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: elaborar e executar sua proposta pedagógica [...]” (Brasil, 1996, p. 6).

Nesse sentido, a escola poderá incluir em sua proposta pedagógica, metodologias de ensino para o enfrentamento do *bullying*, capacitando continuamente os professores e toda equipe operacional da escola para lidar com situações relacionadas a esta temática, assim como promover campanhas de conscientização, informando como o fenômeno ocorre e as sequelas que ele provoca, criando espaços de escuta para as vítimas, desenvolvendo práticas educativas na perspectiva de fortalecer os sentimentos de acolhimento e pertencimento.

É necessário assegurar que o ambiente escolar seja saudável e acolhedor, promovendo a criação, a criatividade e a criticidade, que são primordiais para



a escuta das crianças e adolescentes e para promoção de espaços que permitam a eles expressarem-se. [...] (Brasil, 2023, p. 91).

Assim, para prevenir o *bullying*, as escolas devem estimular a criação de regras *anti-bullying*, com o objetivo de evitar a sua ocorrência, proporcionando aos estudantes o conhecimento sobre os direitos humanos e sobre a importância do respeito a diversidade, discutindo sobre empatia e respeito, criando um ambiente escolar mais inclusivo e seguro.

A escola, como instituição educativa, não se limita a ensinar conteúdos acadêmicos. Educar implica construir pensamento crítico e condutas cidadãs, pautadas nos direitos humanos e respeito. Nesta perspectiva, a escola deve configurar-se como lugar de segurança e proteção para crianças, adolescentes, jovens e adultos, minimizando os riscos e casos de violências. (Brasil, 2023, p. 93).

Nessa perspectiva, a escola tem a função de formar cidadãos com consciência crítica e respeito a dignidade humana, promovendo uma cultura de paz entre os estudantes, assim, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

3 PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE SAÚDE MENTAL E *BULLYING* EM ARARI

A cidade de Arari, localizada no estado do Maranhão, apresenta um panorama educacional que reflete tanto avanços quanto desafios no ensino público. De acordo com o Censo Escolar de 2023, a Rede Municipal de Ensino conta com 57 escolas, atendendo um total de 5.980 estudantes distribuídos em diferentes etapas: 690 matriculados em creches, 902 na pré-escola, 2.318 nos anos iniciais do ensino fundamental e 1.844 nos anos finais. A rede municipal possui um total de 521 professores, sendo que 37% desses docentes atuam como temporários.

A taxa de alfabetização no município também é um dado relevante. Segundo o MEC/Inep (2023), 67% dos estudantes de Arari encontram-se em processo de alfabetização, um percentual superior à média estadual (56%) e nacional (56%).

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) demonstra uma evolução nos resultados nos anos iniciais do ensino fundamental, obteve a nota 6,0, superando a média estadual (5,1) e nacional (5,5). Nos anos finais, a cidade registrou a nota 5,4, acima da média do Maranhão (4,3) e do Brasil (4,8). Esses índices em acordo



com a metodologia do Ideb indicam um progresso no desempenho dos estudantes e podem estar associados ao compromisso dos professores e às políticas educacionais implementadas no município.

Além da aprendizagem, a infraestrutura das escolas municipais também é um fator determinante na qualidade da educação. O Panorama da Educação 2024 revela que 100% das escolas municipais de Arari possuem acesso à água potável, 98% contam com energia elétrica e rede de esgoto, mas apenas 26% dispõem de coleta de lixo regular. Além disso, 20% das matrículas na rede municipal são em tempo integral, havendo um bom planejamento institucional⁶ pode representar uma oportunidade para os estudantes permanecerem mais tempo na escola e receberem um ensino de qualidade.

Outro ponto importante a ser destacado é o investimento educacional. Em 2023, a rede municipal investiu aproximadamente R\$ 9.523,10 por aluno, um crescimento de 67% em relação aos últimos anos. Esse aumento nos investimentos sugere um planejamento da gestão focado na melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem.

Apesar desses indicadores, ainda há desafios a serem superados, especialmente no que diz respeito ao ambiente escolar e ao bem-estar dos estudantes. A taxa de distorção idade-série, que mede a quantidade de alunos com dois ou mais anos de atraso escolar, ainda é um problema significativo. Além disso, dados do Saeb (2019) indicam que apenas 50% dos estudantes do 5º ano da rede municipal possuem aprendizagem adequada em Língua Portuguesa, e 36% em Matemática. No 9º ano, esses números caem para 34% em Língua Portuguesa e 19% em Matemática, evidenciando a necessidade de um programa de correção de fluxo, bem como programas que apoiem a aprendizagem dos estudantes no contraturno, como grupos de apoio didático, dentre outros.

Outro desafio relevante é o *bullying*, que pode afetar diretamente o desempenho acadêmico e a permanência dos alunos na escola. Sendo assim, torna-se essencial

⁶ O aumento do tempo na escola, por si só, não garante um ensino de qualidade, pois a efetividade da educação depende de uma série de fatores. A formação e valorização dos professores são essenciais para um aprendizado significativo, assim como a adoção de metodologias eficazes que aprofundem os conteúdos e estimulem o pensamento crítico. Além disso, a infraestrutura escolar deve ser adequada, oferecendo espaços bem equipados, como bibliotecas e laboratórios, que tornem o ensino mais dinâmico. Um currículo diversificado, que incorpore artes, esportes e tecnologia, também contribui para um desenvolvimento mais amplo dos estudantes. Outro aspecto fundamental é o suporte psicossocial, que promove um ambiente acolhedor e inclusivo. Dessa forma, o ensino em tempo integral só será realmente benéfico se houver um planejamento estruturado que integre esses elementos, evitando que o prolongamento da jornada escolar resulte apenas em desgaste e desmotivação, sem impacto real na aprendizagem.



analisar como os docentes percebem essa questão e quais práticas pedagógicas podem ser adotadas para prevenir e combatê-lo no contexto escolar.

3.1 A importância da formação continuada para a identificação e intervenção nos casos de *bullying*

A atuação dos professores no enfrentamento do *bullying* escolar é essencial para a construção de um ambiente educativo seguro e acolhedor. No entanto, para que essa atuação seja eficaz, é necessário que os docentes possuam formação adequada para identificar e intervir nesses casos de forma assertiva. A formação continuada surge, nesse contexto, como um elemento fundamental, pois permite que os educadores aprimorem seus conhecimentos sobre o fenômeno do *bullying* e desenvolvam estratégias pedagógicas eficazes para preveni-lo e combatê-lo.

De acordo com os autores Oliveira-Menegotto *et al.* (2013) a relação entre professores e alunos exerce um papel determinante na manifestação do *bullying* dentro da escola. Estudos como o de Toro *et al.* (2010) demonstram que a propagação desse fenômeno muitas vezes está relacionada à forma como os vínculos entre docentes e discentes são estabelecidos. Nesse sentido, a autoras Ferreira *et al.* (2010) apontam que os professores reconhecem os impactos negativos do *bullying* no espaço escolar, dificultando o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Além disso, as autoras Bernardini e Maia (2010) destacam que os professores não podem ser os únicos responsáveis pela resolução dos casos de *bullying*, ressaltando a necessidade do envolvimento de órgãos como o Conselho Tutelar. Dessa forma, Tognetta e Vinha (2010) evidenciam a existência de uma lacuna nas escolas quanto às estratégias utilizadas pelos professores para intervir em conflitos diários, bem como uma falta de clareza sobre o papel da escola na formação moral dos estudantes. Nessa perspectiva, a autora Da Costa (2011) reforça a necessidade de um esforço conjunto entre escola, família e sociedade para lidar com essa problemática de maneira eficaz.

Esses estudos indicam que a formação contínua dos professores é indispensável para que consigam identificar as manifestações de *bullying* e agir de forma adequada para coibir esse tipo de violência. Um professor bem preparado pode não apenas intervir diretamente nos casos identificados, mas também atuar preventivamente, promovendo uma cultura de respeito e empatia entre os estudantes. Dessa forma, a formação continuada dos docentes não apenas melhora a qualidade da educação, mas também



contribui para a criação de um ambiente escolar mais seguro e saudável.

3.2 Percepção dos professores sobre saúde mental e *bullying*

A percepção dos professores sobre o *bullying* e sua relação com a saúde dos estudantes é um fator determinante na forma como o problema é abordado dentro do ambiente escolar. De acordo com Silva e Rosa (2013), muitos docentes reconhecem o *bullying* como um problema presente nas escolas, mas enfrentam dificuldades em defini-lo com precisão. Essa lacuna conceitual impacta diretamente as formas de intervenção adotadas, que muitas vezes se limitam a diálogos informais e encaminhamentos à gestão escolar. Além disso, a pesquisa aponta que o tema ainda é pouco abordado nos cursos de formação docente, o que compromete a capacitação dos educadores para lidar com situações dessa natureza.

A pesquisa realizada confirma, por meio das falas dos professores, que essa realidade também se manifesta no contexto da rede municipal de Arari, conforme evidenciado nas entrevistas com dois docentes. Ambos os docentes, aqui nomeados como professor 1 e professor 2, demonstraram conhecimento básico sobre o conceito de *bullying*, definindo-o como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo que causa sofrimento físico e emocional às vítimas.

Para o professor 1, “os sinais mais comuns entre os alunos vítimas incluem isolamento social, queda no rendimento escolar e alterações emocionais, como tristeza constante e ansiedade”.

O professor 2 destacou que o *bullying* pode gerar impactos na saúde dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos emocionais, como depressão e baixa autoestima, além de problemas físicos, como dores de cabeça e distúrbios gastrointestinais. Ressaltou que meninos e meninas podem reagir de formas diferentes ao *bullying*, e que fatores culturais e sociais influenciam essas respostas.

Quando questionados sobre sua formação (inicial e continuada) para lidar com o *bullying*, ambos apontaram que sua formação trouxe pouca ou nenhuma abordagem sobre o tema. O professor 1, afirmou que “faltam capacitações práticas e específicas”, sugerindo que a realização de oficinas e palestras poderia ajudar a preparar melhor os professores para intervir nesses casos. Essa percepção é semelhante à encontrada no estudo de Silva e Rosa (2013), que aponta a necessidade de incluir o tema do *bullying*



nos cursos de licenciatura de forma mais sistemática.

Em relação às práticas pedagógicas, os professores afirmaram que sua percepção sobre o *bullying* influencia diretamente sua abordagem em sala de aula. De acordo com os professores 1 e 2, eles buscam criar um ambiente acolhedor e colaborativo, promovendo o respeito mútuo e incentivando atividades que estimulem a empatia entre os alunos. Outro destaque, na fala do professor 2 são as “dificuldades em intervir de maneira efetiva devido a desafios institucionais, como a falta de tempo e recursos para implementar programas preventivos e a resistência de alguns alunos em mudar seu comportamento”.

Outro fator apontado foi o papel da gestão escolar no enfrentamento do *bullying*. O professor 1 destacou que sente “apoio da direção da escola”, enquanto o professor 2, mencionou que o “suporte poderia ser mais efetivo, especialmente no que diz respeito à implementação de políticas mais estruturadas para lidar com a questão”.

As entrevistas também revelaram a influência das representações do *bullying* na mídia e nas políticas educacionais. Ambos os professores concordam que a forma como o *bullying* é retratado pode tanto sensibilizar a comunidade escolar quanto banalizar o problema. Nesse sentido, o professor 2, sugere que “a escola utilize essas representações para promover debates e reflexões, ajudando os alunos a compreenderem a gravidade do *bullying* e suas consequências”.

Essas análises demonstram que, embora a gravidade do *bullying* seja amplamente reconhecida, persistem desafios na formação docente e na estrutura institucional. A oferta de formação contínua e a adoção de estratégias pedagógicas mais bem estruturadas são medidas essenciais para fortalecer a prevenção e o enfrentamento desse problema no ambiente escolar.

3.3 Relação entre percepção docente e estratégias implementadas

A forma como os professores percebem o *bullying* influencia diretamente as estratégias que adotam para lidar com o problema no ambiente escolar. A percepção docente não apenas determina a identificação precoce de casos, mas também impacta as ações pedagógicas voltadas à prevenção e à intervenção. De acordo com as entrevistas realizadas com professores da rede municipal de Arari, observa-se que há uma relação direta entre a compreensão do fenômeno e as abordagens aplicadas em sala de aula.



Os professores 1 e 2 demonstraram conhecer algumas características do *bullying*, reconhecendo como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, que ocorre em um contexto de desigualdade de poder. Essa compreensão influencia suas práticas pedagógicas, fazendo com que adotem estratégias voltadas para a promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro. Ambos relataram que procuram estimular a empatia entre os alunos por meio de atividades colaborativas e da promoção do respeito mútuo.

No entanto, os desafios enfrentados pelos docentes interferem na eficácia dessas ações. O professor 2 destacou que a “resistência de alguns alunos em modificar seu comportamento é um dos principais obstáculos à implementação de estratégias preventivas”. Além disso, a “falta de tempo e de recursos para desenvolver programas estruturados” de combate ao *bullying* também foi apontada como uma limitação importante.

Além das ações diretas em sala de aula, os professores reconhecem que o *bullying* deve ser abordado de maneira interdisciplinar, envolvendo não apenas os docentes, mas também a família e a comunidade escolar. Os professores 1 e 2 destacaram que, em alguns casos, o envolvimento dos pais é essencial para compreender melhor as origens do problema e encontrar soluções mais eficazes.

As influências externas, como as representações do *bullying* na mídia e nas políticas educacionais, também foram citadas como elementos que moldam a percepção docente e, consequentemente, as estratégias adotadas.

Portanto, a relação entre percepção docente e estratégias implementadas evidencia que, apesar do esforço dos professores em adotar práticas pedagógicas voltadas para a prevenção do *bullying*, ainda há desafios significativos a serem superados. A ampliação de formações continuadas específicas, a criação de programas institucionais mais robustos e o fortalecimento do apoio da gestão escolar são aspectos fundamentais para garantir que as estratégias adotadas sejam eficazes na promoção de um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

4 . Conclusão

O presente estudo evidenciou a relevância do papel dos professores na identificação e no enfrentamento do *bullying* escolar, destacando a necessidade de uma



formação continuada que os capacite para lidar com essa problemática de forma mais eficaz. A análise das entrevistas com docentes da rede municipal de Arari demonstrou que, embora haja um reconhecimento da gravidade do *bullying* e de seus impactos na saúde e no desempenho acadêmico dos estudantes, ainda existem desafios significativos, como a falta de suporte institucional, de formação continuada específicas e de recursos para a implementação de estratégias preventivas.

A pesquisa também apontou que o *bullying* não pode ser combatido apenas pela ação isolada dos professores, mas sim por meio de um esforço conjunto entre escola, família e sociedade. A criação de políticas educacionais mais estruturadas, a inclusão do tema no currículo escolar e a promoção de um ambiente baseado no respeito e na empatia são medidas fundamentais para minimizar os impactos dessa forma de violência.

Diante disso, reafirma-se a importância da conscientização sobre o *bullying* e da implementação de ações pedagógicas que promovam um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e inclusivo. A educação tem um papel transformador na construção de uma sociedade mais justa, e é por meio dela que podemos formar indivíduos mais conscientes e preparados para lidar com as diferenças de maneira respeitosa.

REFERÊNCIAS

BERNARDINI, Cristina Helena; MAIA, Helenice. **Bullying Escolar**: uma análise do discurso de professores. Revista **Polêm!ca**, v. 9, n. 2, p. 99-104, 2010.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF:, 1996.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 13.185**, de 6 de novembro de 2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília, DF:, 2015.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 14.643**, de 2 de agosto de 2023 que autoriza o Poder Executivo a implantar serviço de monitoramento de ocorrências de violência escolar. Brasília, DF:, 2023.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 12.006**, de 24 de abril de 2024 que Institui o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas e regulamenta a Lei nº 14.643, de 2 de agosto de 2023. Brasília, DF:, 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Serviços e Informações do Brasil. Educação e Pesquisa**. Disponível em <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e->



pesquisa/2021/10/entenda-como-a-familia-pode-ajudar-no-combate-ao-bullying. Acesso em 11 de março de 2025.

CARA, Daniel. **Ataque as escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental**. Relatório GT de especialistas em violência nas escolas. Brasília: MEC (2023).

CASCAES, Anne. **Criança negra é apelidada de 'CLT' na escola e recebe 'carteira de trabalho' com salário de R\$ 50 reais por ano**. Imirante, São Luís, 29 mar. 2025. Disponível em: <https://imirante.com/noticias/sao-luis/2025/03/29/crianca-negra-e-apelidada-de-clt-na-escola-e-recebe-carteira-de-trabalho-com-salario-de-r-50-reais-por-ano>. Acesso em: 01 abr. 2025.

DA COSTA, Yvete Flávio. *Bullying*—Prática diabólica—Direito e educação. **Espaço Jurídico Journal of Law [EJL]**, v. 12, n. 2, p. 135-154, 2011.

DA SILVA, Suelen Patrícia Nunes; ARANHA, Rudervania da Silva Lima. *O bullying na escola e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem do estudante*. Revista **Saberes & Práticas**, v. 1 n. 4, p. 1-27, 2023.

ENTREVISTA PROFESSOR 1. *Percepção dos Professores sobre a Relação entre Bullying e Saúde dos Alunos*. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, 2025.

ENTREVISTA PROFESSOR 2. *Percepção dos Professores sobre a Relação entre Bullying e Saúde dos Alunos*. Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, 2025.

FERREIRA, Valéria; ROWE, Janaina Fatima; DE OLIVEIRA, Lisandra Antunes. *Percepção do professor sobre o fenômeno bullying no ambiente escolar*. **Unoesc & Ciência-ACHS**, v. 1, n. 1, p. 57-64, 2010.

NESELLO, Francine et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. Revista **Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 14, p. 119-136, 2014.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. *O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos*. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2025.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Modos de explicar o *bullying*: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 751-761, 2018.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é *bullying*?: um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, p. 329-338, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/rCfxgt8FSpvfw8WYmV8sWmg/>. Acesso em 13 fev. 2025



SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. ***Bullying em ambiente escolar***. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer – Goiana, Vol. 7, n.12; p. 179- 190, 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Até quando? *Bullying* na escola que prega a inclusão social. **Educação UFSM**, v. 35, n. 03, p. 449-463, 2010.

TORO, Giovana Vidotto Roman; NEVES, Anamaria Silva; REZENDE, Paula Cristina Medeiros. *Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010.

